



“MEU CORPO, MEU TERRITÓRIO”: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ARTES ENQUANTO FERRAMENTAS DE DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA

“MI CUERPO, MI TERRITORIO”: CONSIDERACIONES SOBRE LAS ARTES COMO HERRAMIENTAS PARA LA DESOBEDIENCIA EPISTÉMICA

“MY BODY, MY TERRITORY”: CONSIDERATIONS ABOUT THE ARTS AS TOOLS FOR EPISTEMICAL DISOBEDIENCE

Gabriela Pecantet SIQUEIRA¹

Newan Acacio Oliveira de SOUZA²

Martha Rodrigues FERREIRA³

Louise Prado ALFONSO⁴

RESUMO

O pensamento descolonial envolve ser epistemicamente desobediente e se manifesta nas mentes e corpos de grupos e comunidades – como mulheres, pessoas LGBTQIA+, moradores/as/us de bairros periféricos, pessoas de Religiões de Matrizes Africanas, trabalhadoras/es/us sexuais – que têm suas existências e suas formas de fazer-cidade constantemente interpeladas por processos de invisibilização, bem como seus

¹ Mestranda em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, gabrielapecantet@gmail.com

² Mestranda em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, newansouza@outlook.com

³ Graduanda em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, martharof@hotmail.com

⁴ Doutora em Arqueologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, louiseturismo@yahoo.com.br

patrimônios deslegitimados por narrativas brancas, cisheteronormativas e eurocêtricas. Porém, estes grupos utilizam de diversas ferramentas para reivindicar seu direito à cidade. A exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”, desenvolvida pelo projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, foi lançada durante as comemorações do Dia do Patrimônio da cidade de Pelotas/RS em agosto de 2020 com a proposta de apresentar a cidade e seus patrimônios para além dos casarões, charqueadas e dos doces finos, tendo como foco promover patrimônios relevantes para várias comunidades. Nesta escrita apresentamos uma discussão, a partir do conceito de desobediência epistêmica de Walter Mignolo, acerca de algumas das produções artísticas e participações de artistas que apresentaram seus trabalhos na exposição digital, nas quais expressaram suas perspectivas sobre patrimônio e relações com a cidade. Nosso objetivo foi compreender como essas obras se revelaram enquanto importantes ferramentas contra a exclusão social, elitismo, misoginia, machismo, LGBTQIA+fobia, para a resistência de sociabilidades e vivências não-hegemônicas na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Desobediência epistêmica; Arte descolonial; Margens

RESUMEN

El pensamiento descolonial implica ser epistémicamente desobediente y se manifiesta en las mentes y cuerpos de grupos y comunidades - como mujeres, personas LGBTQIA+, residentes de barrios periféricos, personas de Religiones Matriciales Africanas, trabajadoras/es/us sexuales - cuya existencia es constantemente cuestionada por procesos de invisibilidad, sus formas de hacer el ciudad y su patrimonio deslegitimados por narrativas brancas, cisheteronormativas y

eurocéntricas. Sin embargo, estos grupos utilizan varias herramientas para reclamar su derecho a la ciudad. La exposición digital, Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, desarrollada por el proyecto de investigación Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, fue lanzada durante las celebraciones del Día del Patrimonio de la ciudad de Pelotas/RS en agosto 2020 con la propuesta de presentar la ciudad y su patrimonio más allá de casarões, charqueadas y los dulces centrándose en la promoción del patrimonio relevante para varias comunidades. En este escrito, presentamos una discusión, a partir del concepto de desobediencia epistémica de Walter Mignolo, sobre algunas de las producciones artísticas y participaciones de artistas que presentaron su trabajo en la exposición digital, en que expresaron sus perspectivas sobre el patrimonio y relaciones con la ciudad. Nuestro objetivo fue comprender cómo estos trabajos se revelaron como importantes herramientas contra la exclusión social, elitismo, misoginia, machismo, LGBTQIA + fobia, para la resistencia de sociabilidades y experiencias no hegemónicas en la ciudad de Pelotas, en Rio Grande do Sul.

Palabras clave: Desobediencia epistémica; Arte decolonial; Márgenes

ABSTRACT

Decolonial thinking involves being epistemically disobedient and manifests in the minds and bodies of groups and communities - such as women, LGBTQIA+ people, residents of peripheral neighborhoods, people of African Matrix Religions, sex workers - whose existence is constantly questioned by invisibility processes, its ways of making the city and its heritage delegitimized by white, cisheteronormative and Eurocentric narratives. However, these groups use several tools to claim their

right to the city. The digital exhibition, Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, developed by the research project Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, was launched during the celebrations of the Heritage Day of the city of Pelotas/RS in August 2020 with the proposal to present the city and its heritage beyond the casarões and sweets focusing on promoting relevant heritage for several communities. In this writing, we present a discussion about some of the artistic productions and participations of artists who presented their work in the digital exhibition, presenting other perspectives on heritage and relations with the city, based on Walter Mignolo's concept of epistemic disobedience. Our objective was to understand how these works revealed themselves as important tools against social exclusion, elitism, misogyny, LGBTQIA+phobia, for the resistance of sociabilities and non-hegemonic experiences in the city of Pelotas, in Rio Grande do Sul.

Keywords: Epistemic disobedience; Descolonial art; Margins

1. Introdução e Referencial Teórico

O aparecimento de um novo vírus no final de 2019 na China e a rapidez com que se proliferou pelo mundo, causando a morte de milhões de pessoas, produziu profundos impactos nas formas de viver e as dinâmicas da vida em sociedade. A crise desencadeada fez a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar no dia 11 de março de 2020 a pandemia mundial da Covid-19. Dias depois foram registradas as primeiras mortes em decorrência da doença no Brasil, e, desde então, diversas mudanças se sucedem e modificam contextos e relações.

A vida de artistas em geral foi diretamente afetada pela necessidade de mantermos o distanciamento social⁵ em virtude da pandemia da Covid-19, que dependem de

⁵ O distanciamento social é a medida adotada para diminuir a interação entre as pessoas a fim de reduzir a velocidade de transmissão do vírus. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/>. Acesso em: 22 de out. de 2021.

aglomerações para auferirem renda com seus trabalhos. Shows, eventos, exposições foram cancelados, e as ruas, palco para muitos artistas, se tornaram menos movimentadas. Ainda assim, no ano de 2020, diferentes iniciativas artísticas - individuais e coletivas - se reinventaram ao “novo normal” e fizeram-se presentes em ambientes virtuais, como o Museu Frida Kahlo, Museu do Louvre, Museu Nacional de Antropologia e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand⁶. Tais realizações permitiram que as distâncias fossem reduzidas, revelando a arte e a cultura como importantes formas de lazer e de ferramentas críticas à conjuntura social e política que vivemos.

A fim de somar ao rol de iniciativas que visam o fortalecimento de redes colaborativas de artistas a exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”, desenvolvido pelo projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”⁷, abriu espaço para que artistas pudessem apresentar seus trabalhos. A exposição fez parte das comemorações do Dia do Patrimônio da cidade de Pelotas.

Pelotas está localizada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, às margens da Laguna dos Patos, com população de mais de 300 mil habitantes e é conhecida como a capital nacional do doce⁸. Além da produção dos doces finos portugueses, a história oficial do município é fortemente marcada pelo passado da produção do charque e seu escoamento para todo o Brasil. Essas atividades econômicas, bem como a própria construção da cidade, tiveram como principal fonte a mão-de-obra escravizada e a de outros grupos que são invisibilizados dessa narrativa (oficializada da história da cidade).

⁶ Respectivamente disponíveis em: <<https://www.museofridakahlo.org.mx/es/el-museo/multimedia>>; <<https://www.louvre.fr/en/visites-en-ligne?tab=1#tabs>>; <<https://www.mna.inah.gob.mx/>>; <<https://catracalivre.com.br/agenda/masp-programacao-online-quarentena-coronavirus-brasil/>>. Acesso em: 22 out 2021.

⁷ O projeto de pesquisa “Margens” produz suas reflexões a partir de três projetos de extensão, sendo eles: “Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”, “Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas” e, “Mapeando a Noite: o universo travesti”. Estes projetos atuam a partir do vínculo ensino-pesquisa-extensão conforme previsto no artigo 207 da Constituição Federal de 1988 (CF/88) e de acordo com a regulação dada pela Plano Nacional de Extensão Universitária (MEC, 2001).

⁸ Pelotas é nacionalmente conhecida como a capital do doce devido a perpetuação da tradição doceira, que vem com a colonização e se mantém e ressignifica através das mãos negras. Em 2018 a tradição doceira de Pelotas é considerada Patrimônio Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O passado e o presente de Pelotas se entrelaçam perpetuando uma narrativa hegemônica que é (re)construída e reforçada nos materiais de divulgação turística, sites de órgãos oficiais, entre outros meios, como aponta Bergmann⁹. Práticas narrativas pautadas em uma herança cultural predominantemente portuguesa, branca, elitista, que elenca patrimônios vinculados a uma temporalidade específica, o apogeu econômico da região ligado à indústria saladeril¹⁰.

Já o Dia do Patrimônio da cidade é fruto de uma importante política pública organizada pela Secretaria Municipal de Cultural (SECULT), que ocorre anualmente desde 2013, com a proposta de valorizar os seus patrimônios, ressaltando o conceito patrimonial a partir de uma perspectiva de política pública cultural. Em 2016, em sua 4ª edição, inclusive, ganhou o prêmio “Rodrigo Melo de Franco de Andrade”, na categoria “Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural”, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹¹.

A exposição digital “Patrimônios Invisibilizados” buscou apresentar neste evento um debate sobre patrimônio a partir do olhar de diferentes grupos que habitam a cidade de Pelotas, que a constroem cotidianamente, a fim de desconstruir a ideia dicotômica de patrimônio material/imaterial¹² e valorizar patrimônios que não são considerados oficiais, como os que aparecem constantemente nos livros e folhetos turísticos. A exposição, produzida pela primeira vez virtualmente, foi dividida em diversas abas e sub-abas, onde foram apresentadas várias cidades de Pelotas, pois trata-se de “uma cidade construída por e para todos/as, uma cidade movimento, que pulsa, vibra e é múltipla”¹³.

⁹ BERGMANN, Leopoldine Radtke. *Imagens e narrativas de Pelotas: uma análise do discurso turístico de uma cidade (re)imaginada*. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

¹⁰ ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flavia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: SCHIAVON, Carmen; PELEGRINI, Sandra (Org.). *Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios*. 1ª ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, p. 131-147.

¹¹ Conforme publicado pelo IPHAN, na Revista da 29ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Revista_PRMFA_2016\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Revista_PRMFA_2016(1).pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2022.

¹² A Exposição pode ser acessada em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 03 jun. 2022.

¹³ FERREIRA, Martha Rodrigues; CASTRO, Camila Machado Ramos de; ALFONSO, Louise Prado. Singularidades: o método etnográfico e a construção do conhecimento em coletivo. In: CONGRESSO

Grupos e comunidades – mulheres, bairros periféricos, pessoas LGBTQIA+, Religiões de Matrizes Africanas, trabalhadoras/es/us sexuais – têm suas existências e suas formas de fazer-cidade ¹⁴ constantemente interpeladas por processos de invisibilização em Pelotas e seus patrimônios são constantemente deslegitimados por narrativas brancas, cisheteronormativas e eurocêntricas. Porém, apesar de suas histórias de luta serem ocultadas das narrativas oficiais, estes grupos utilizam de diversas ferramentas - como as políticas públicas de patrimônio, produções artísticas - para reivindicar seu direito à cidade.

Neste trabalho, a partir do conceito de desobediência epistêmica de Mignolo¹⁵ – que visa um desprendimento deste emaranhado discursivo hegemônico, fortemente vinculado as (i)lógicas perpetuadas pela colonialidade – nosso objetivo foi compreender como as produções artísticas expostas se revelam enquanto importantes ferramentas contra a exclusão social, elitismo, misoginia, machismo, LGBTQIA+fobia, para a resistência de sociabilidades e vivências não-hegemônicas na cidade de Pelotas.

2. Método

As produções artísticas, que serão analisadas a seguir, são consideradas enquanto narrativas contra-hegemônicas, politicamente postas, engajadas e auto representativas que entendemos como diferentes formas de apresentar o urbano. Essas narrativas constituem óticas de pessoas, que são invisibilizadas na história oficial da cidade de Pelotas, mas que desenham novas possibilidades, de forma crítica, através de múltiplos caminhos; são formas de contar histórias buscando descolonizar olhares sobre corpos, práticas e modos de viver; são resistências e matéria de desobediência epistêmica, como aponta Mignolo¹⁶, sensível e subjetiva.

DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 28., 2019, Pelotas, *Anais* [...]. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: <https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/CH_03960.pdf>. Acesso em: 02 jun 2022.

¹⁴ AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, Rio de Janeiro, v.21, n.3, 2015, p. 483-498.

¹⁵ MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, [S. l.], n. 34, 2008, p. 287-324.

¹⁶ *Ibidem*.

Todos estes aspectos foram levantados, em discussões no âmbito do projeto de pesquisa, ao tratarmos a respeito da inserção de tais artes na expografia. Constatada a importância dessas obras, principalmente perante o atual cenário da pandemia, passamos a explorar as possibilidades oferecidas pelas mídias sociais - Facebook, WhatsApp, Instagram - e formas de interação - formulários, vídeo chamadas, chamadas de áudio e lives - para promover chamadas artísticas. As chamadas de divulgação foram direcionadas a artistas que se identificassem com as “divisões” escolhidas pela equipe para a expografia: comunidade LGBTQIA+, mulheres, membros de Religiões de Matrizes Africanas e comunidades periféricas.

Consideramos que essa ação se pauta na percepção de que “existem inteligências, capacidades e outras linguagens que usamos em nosso cotidiano, mas que muitas vezes não são valorizadas em processos de educação formal”¹⁷ ou nos discursos oficiais presentes nos museus e demais instituições. Discursos excludentes e colonialistas que se apresentam na cotidianidade, e, por conseguinte, nos fazem pensar em como os patrimônios de Pelotas “são seletivamente mobilizados pelas sociedades, grupos sociais, comunidades, para socializar, operar e fazer agir suas ideias, crenças, afetos, seus significados, expectativas, juízos, critérios, normas, etc. – e, em suma, seus valores”¹⁸.

Ao embarcar em nossa exposição é possível navegar entre abas e sub-abas que trazem à tona as dinâmicas, sociabilidades e patrimônios de outros grupos que participam do contínuo processo de construção da cidade. Não se fala de uma história única, mas de uma das tantas formas de vivenciar esses espaços e paisagens. Neste trabalho tratamos, em especial, das sub-abas Por Nós e Elas que são construídas em conjunto por artistas mulheres e LGBTQIA+. O exercício proposto é trazer essas imagens – categoria empregada de forma heurística como aglutinadora das linguagens visuais presentes na exposição composta por textos, pinturas, colagens entre outros - como composições que possuem formas de ver, enxergar e falar sobre as dinâmicas sociais que se centram nas experiências dos sujeitos que as produzem.

¹⁷ HATTORI, Márcia Lika; ALFONSO, Louise Prado; PEREIRA, Isis Karinae Suarez. Propostas pedagógicas a partir da exposição. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v. 6, 2018, p. 95-100.

¹⁸ MENESES, Ulpiano Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2012, Brasília, *Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural* - Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Brasília: IPHAN, 2012, p. 25-39.

Essas narrativas artísticas interrompem e rompem a colonialidade ou, ainda, performatizam e deformam mundos coloniais¹⁹, dando diferentes tônicas a perspectivas.

Para alcançarmos o objetivo principal deste estudo, nos inspiramos na proposta do antropólogo e historiador da arte Pinney, que reflete sobre as profundezas das imagens e as possibilidades sensoriais contidas em suas superfícies. Em uma análise de práticas artísticas locais, Pinney compreende que as fotografias populares africana e indiana materializam-se produzindo “descontinuidades com a tradição histórica” e emergindo em “suas continuidades com outras práticas pós-coloniais contemporâneas”²⁰.

3. Resultados e Discussão

Ao embarcar na exposição “Patrimônios Invisibilizados” e nas diferentes narrativas que são compartilhadas ali é possível navegar entre abas e sub-abas que trazem à tona dinâmicas, sociabilidades e patrimônios de grupos que participam de um contínuo processo de construção da cidade. Olhar para ações como esta, que visam valorizar uma história construída de forma plural e tantas formas de vivenciar espaços e paisagens urbanas, possibilita inúmeras interpretações²¹. Para esta pesquisa trazemos o potencial das imagens como cerne de um campo de discussões sobre a cidade e a suas representações, sobre a autorrepresentação de grupos (às margens).

¹⁹ PINNEY, Christopher. Notas da superfície da imagem: fotografia, pós-colonialismo e modernismo vernacular. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 313-334, 2017.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Ver FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Insurgências na construção de contra narrativas por comunidades negras em Pelotas/RS. In: *Anais da REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 32, 2020. Rio de Janeiro: ABA, 2020. Disponível em: <http://evento.abant.org.br/rba/32RBA/files/441_2020-12-04_3792_23937.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ALFONSO, Louise Prado e FERREIRA, Martha Rodrigues. Exposição patrimônios invisibilizados: uma experiência coletiva de extensão em pandemia. In: MICHELON, Francisca Ferreira; BANDEIRA, Ana da Rosa; LIMA, Paula Garcia; ZIMMERMANN, Letícia Silva Dutra (Org.). *Conexões para um tempo suspenso: extensão universitária na pandemia*. 1ª ed. Pelotas: Editora UFPel, 2020, p. 538-562. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6834>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

ALFONSO, Louise Prado; SIQUEIRA, Gabriela Pecantet; FERREIRA, Martha Rodrigues. Pelas margens das Cidades em Transe: entre debates, vivências e saberes. In.: *Anais do Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar*, 2020, Pelotas. Rio Grande: Arche – Revista Discente de Arqueologia. 2021, p. 9-38. <<https://arche.furg.br/anais-de-eventos/19-cidades-em-transe-anais>>. Acesso em: 31 maio 2022.

Para falarmos de Pelotas e da necessária inserção das comunidades e grupos invisibilizados em suas narrativas oficiais, consideramos a construção produzida oficialmente de um imaginário de cidade. Nesse sentido, Alfonso e Rieth comentam que a história pelotense é marcada, sobretudo, pela presença de grandes homens e a riqueza do período do Charque, mas somente esta, a temporalidade da época das charqueadas, é valorizada. Narrativa que se atualiza no presente por intermédio do tombamento dos casarões do centro histórico da cidade que privilegia uma determinada história, classe social, gênero e etnia²². E, ainda, de acordo com Bergmann, é reforçada através de materiais turísticos que carregam narrativas e construções imagéticas de uma urbe europeia, da elite, representando uma sociedade onde “só cabe o branco”²³.

Então, cabe nos indagarmos: como outras temporalidades, grupos sociais e espaços se apresentam e representam Pelotas? Que reivindicações e formas de vivenciar a cidade de Pelotas são acionadas em contra narrativas formuladas em oposição ao perpetuado por canais oficiais?

Indo ao encontro de Alfonso e Rieth, pensamos que o discurso empregado e a visão divulgada da cidade e reforçado pela prefeitura, por exemplo, invisibiliza múltiplos patrimônios e mascara as relações de determinados grupos sociais. Referenciais culturais como os casarões, os quindins e as charqueadas não são os únicos que fazem parte do passado e do presente pelotense. As dinâmicas sócio-culturais e os patrimônios culturais de pessoas que moram em periferias, trabalhadores/as/us, mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ na cidade de Pelotas são importantes por trazerem “diferentes olhares, afetos e histórias que não são contadas por aí”²⁴.

A inserção dessas narrativas, construídas nas e às margens, dentro do Dia do Patrimônio precisam estar dentro de eventos e instituições oficiais, proporcionando debates e questionamentos a respeito dos discursos hegemônicos. Conforme

²² ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flavia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: SCHIAVON, Carmen; PELEGRINI, Sandra (Org.). *Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios*. 1ª ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, p. 131-147.

²³ BERGMANN, Leopoldine Radtke. *Imagens e narrativas de Pelotas: uma análise do discurso turístico de uma cidade (re)imaginada*. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

²⁴ MARGENS: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. *Exposição digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Meneses, compreendemos ser necessária a inserção da “cidade de hoje”²⁵ nesta construção discursiva sobre a cidade, aqui representadas pelo Dia do Patrimônio. Pelotas é uma cidade da contemporaneidade que se apresenta de diferentes formas, objetivo principal a ser apresentado na exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”.

A exposição digital “Patrimônios Invisibilizados”, assim como nas edições anteriores, foi dividida por temáticas. Porém, os módulos que compunham as edições físicas se transformaram em abas no site da exposição. Ao todo foram criadas oito abas, a de apresentação, intitulada “O que é Patrimônio?”; cinco distribuídas entre os projetos de extensão vinculados ao projeto Margens; uma destinada ao público infantil, chamada “Além da Imaginação”; e, uma com a ficha técnica da exposição.

As abas associadas aos projetos de extensão foram “Além da Noite” e a “Além da Baronesa”, vinculadas ao projeto de extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”; a aba “Além das Charqueadas”, vinculada ao projeto de extensão “Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação”; e, a “Além da Materialidade”, vinculado ao projeto de extensão “Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas”. Estes espaços trouxeram diferentes discussões acerca da temática geral da exposição: diferentes formas de conceber o patrimônio. Além disso, cada aba continha uma sub-aba destinada especificamente às produções artísticas.

No módulo Além da Noite (Imagem 1) a sub-aba destinada às produções artísticas foi nomeada de Por Nós. Nesta apresentamos produções de artistas LGBTQIA+, que necessitam ocupar mais lugares nos espaços culturais, já que existe uma “naturalização social que só reconhece construções simbólicas, nas diversas expressões artísticas, pautadas numa seletividade binária e heteronormativa”²⁶. Por Nós foi construída com as obras de Violet Baudelaire, Liader Soares, Andy Matte, Fábio Henrique, Ricardo Pereira, Camila Cuqui e LUZ X. Nas páginas seguintes trataremos sobre os diálogos possíveis a partir das obras de Violet Baudelaire e Fábio Henrique.

²⁵ MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu na cidade x a cidade no museu. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, 1985, p. 197-205.

²⁶ MARGENS: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. *Exposição digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Imagem 1 - Módulo “Além da Noite” na Exposição Digital “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”



Fonte: Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, 2020 (<https://wp.ufpel.edu.br/margens/alem-da-noite/>).

A artista e arqueóloga Violet Baudelaire elaborou a obra Memórias Ressignificadas (Imagem 2) especialmente para a exposição. Nela retrata mulheres trans e travestis como protagonistas em um dos principais pontos históricos da cidade de Pelotas, o chafariz Fonte das Nereidas, situado na Praça Coronel Pedro Osório. Como relatado por Violet esta produção além de ser artística também é arqueológica ao passo que trabalha com os processos de construção materiais e imateriais do espaço concomitantemente.

Imagem 2 - Memórias Resignificadas, pela artista e arqueóloga transfeminista Violet Baudelaire



Fonte: Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, 2020 (<https://wp.ufpel.edu.br/margens/alem-da-noite/>).

Junto a esta composição Violet disponibilizou uma gravação, presente na exposição, contando sobre o processo criativo e suas vivências enquanto uma mulher trans à luz das motivações sobre a escolha dos elementos ali presentes (o momento do dia, chafariz, pessoas, entre outros aspectos). Um trecho deste relato encontra-se a seguir.

“(…) foi de fato um desafio, primeiro porque esse é um espaço onde há relatos que mulheres trans e travesti ocupam ele, principalmente durante a noite e a imagem das mulheres trans e travesti sempre é associada a noite e a prostituição né, então de fato, infelizmente essa é uma realidade que acaba nos colocando o tempo todo nesse espaço. *Eu acho que é um reflexo da transfobia estrutural, do machismo estrutural, da putofobia estrutural que nos varre pra noite, e também pra prostituição.* (...) E onde elas não necessariamente estivessem se prostituindo, não que isso queira dizer que elas não fossem garotas de programa ou não tivessem essas experiências, a ideia era justamente mostrar que elas têm outras vivências que muitas vezes não são mostradas dentro de um estereótipo do que é ser mulher trans, do que é ser travesti, do que é ser garota de programa e etc. (...) eu tentei fazer essa resignificação dessas memórias né, por isso o nome Memórias Resignificadas, que é o título dessa obra. E ao mesmo tempo mostrar que esse espaço, que é a praça que é um espaço que historicamente sempre foi, principalmente durante o dia, ocupado pela burguesia, pelas pessoas brancas, cis, heterossexuais e que não estão associadas ao mundo da prostituição ele é um espaço que ele é opressor, por um lado, mas ao mesmo tempo durante a noite, durante a madrugada ele é um espaço de (...) resistência (...). Então, eu quis colocar essa ocupação como resistência, essas duas mulheres trans e travestis que vocês veem nessa obra, elas estão ocupando esse espaço durante o dia, resistindo ali. *E reivindicando também esse direito ao patrimônio, esse patrimônio que às vezes é deixado apenas*

pra determinados grupos, em determinado momento do dia. Eu acho que essa obra ela traz resistência e resignificação e que ela transforma essas memórias e tenta trazer a partir da minha interpretação um outro lado que não tá muitas vezes nessas narrativas, que é esse lado da ideia de sororidade, de apoio, de resistência, de autocuidado, de auto afeto, de amor e de ocupação também desse patrimônio. Que vai desde nossa corpa até a própria paisagem que é constituída pelas nossas corpas, por isso eu vejo também que essa obra ela é além de ser uma obra de arte ela também é um trabalho arqueológico, porque ela tá trabalhando com discursos que são constituídos por coisas materiais e imateriais ao mesmo tempo, falando sobre memórias que vão desde passados antigos, passados remotos, até passados recentes e até o próprio presente.” (Transcrição de áudio de Violet Baudelaire presente na exposição Patrimônios Invisibilizados, 2020) (grifos nossos)²⁷.

O espaço urbano não se configura como acolhedor para pessoas LGBTQIA+ em seus trajetos e vivências sob esse emaranhado de ruas, modos de vida, saberes e sujeitos/as/es. Para pessoas trans²⁸, representadas por Violet na figura de mulheres trans e travestis, a cidade é extremamente violenta e locus das mais diversas formas de opressão e discriminação. Aqui se insere importante perspectiva acerca de nossas relações com as interlocuções em Pelotas, às margens da cidade - categoria volátil e relacional que se modifica ao longo do dia. Região da cidade tida enquanto centro durante o dia, mas que à noite se torna margem.

Para Souza, Euzébio e Alfonso²⁹ a noite em Pelotas tem um importante papel na construção das sociabilidades de pessoas LGBTQIA+. As autoras compreendem sua relação com drag queens como forma de acessar dinâmicas destes grupos LGBTQIA+ e seus contínuos processos de (in)visibilização na cidade. Um destes exemplos são as alcunhas de “cidade de viado” e “cidade natal mística de todas as gays”, que dão fama nacional à Pelotas enquanto “cidade gay”. Esses termos não se fazem presentes nas narrativas oficiais, mas quando utilizados surgem de forma pejorativa e, deslocados das vivências dos diferentes grupos LGBTQIA+ que habitam a cidade, acaba por ratificar a LGBTQIA+fobia cotidiana.

²⁷ Trecho da fala em áudio de Violet Baudelaire (MARGENS: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. *Exposição digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.).

²⁸ O termo trans é aqui utilizado para representar diferentes identidades que não as representadas pela binariedade homem/mulher definidas pela sociedade cisheteronormativa. Compõem tal comunidade desde mulheres trans e travestis, homens trans, pessoas transmasculinas e não-binaries.

²⁹ SOUZA, Newan Acacio Oliveira de; EUZÉBIO, Felipe Aurélio Euzébio; ALFONSO, Louise Prado. “Isso é truque de drag velha”: etnografia das noites e a arte drag na cidade de Pelotas-RS. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, Goiânia, v. 18, n. 2, 2020, p. 651-667. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18224/hab.v18i2.8215>> Acesso em: 02 jun. 2022.

Em Memórias Ressignificadas, Violet Baudelaire problematiza os diferentes processos de exclusão, centrados na transfobia e a putafobia, que levam mulheres trans e travestis a habitarem a cidade durante à noite, levando-as a serem vinculadas ao trabalho sexual. A transfobia do dia por vezes faz da noite uma possível aliada para essas, pois o habitar cidade neste período, onde há menor circulação de pessoas, permite escapar das discriminações. Contudo, essa segregação, decorrente da transfobia estrutural, também está na noite e se materializa em diversas relações, familiares, institucionais, afetivas e sociais.

Na pintura de Violet temos a presença de dois corpos, duas pessoas e histórias circunscritas em uma cena na Praça Coronel Pedro Osório em Pelotas. As escolhas de Violet em demarcar suas personagens em uma discordância com o CISTema³⁰ é propositiva, alcança os olhos. Além da presença marcante de uma mulher trans/travesti branca desnuda, há ao seu lado uma mulher trans/travesti negra vestida da cabeça aos pés (vestido e turbante) com as cores da bandeira do movimento trans (branco, azul e rosa em tons mais claros). As representações de Violet falam sobre si e conosco a partir de um contexto específico, mas com base nos elementos que estão postos ali permite reflexões sobre contextos diversos, que tensionam dinâmicas maiores, questionam sobre a presença de corpos dissidentes em espaços como uma praça pública durante o dia.

A escolha da Fonte das Nereidas como um patrimônio oficial da cidade, tem importante relação que anteriormente comentamos: a diversidade de narrativas sobre patrimônios oficiais que são partícipes das construções da cidade de grupos em processos de exclusão. Esta fonte, como relata Costa³¹, trazida de Paris, foi instalada no lugar em que estava localizado o pelourinho. Para a autora, “a opulência da cidade de Pelotas deve-se às comunidades negras responsáveis por construir a cidade”, mas o discurso selecionado representa uma cidade que mascara seu passado escravista e enaltece figuras, monumentos e histórias de vidas da elite. A Fonte também é o lugar de batismo das travestis que exercem o trabalho sexual em Pelotas durante a

³⁰ O uso da palavra CISTema tem inspiração nos debates propostos pela ativista, pedagoga, professora e transfeminista Letícia Nascimento em sua obra *Transfeminismo*, publicada em 2021, na coleção *Feminismos Plurais* da editora Jandaíra.

³¹ COSTA, Vanessa Avila. *As manifestações das paisagens ocultadas: arqueologia da Pelotas de trabalhadoras sexuais*. 162 f. Dissertação, Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

noite, que, como relatado por Costa, coloca à tona a importância dos processos de ressignificação deste chafariz para diferentes grupos.

Violet apresenta diferentes debates e formas de interpretar suas vivências pessoais como também de tantas mulheres trans e travestis que lutam pelo seu direito à cidade. No processo de seleção dos patrimônios, bens que são vinculados a determinados grupos não são valorizados como importantes, assim como narrativas sobre determinados patrimônios oficiais são propositalmente silenciadas dessas seleções. Se tais histórias são excluídas junto a elas são segregados seus direitos à cidade, políticas públicas e representatividade.

Já na obra *Hipocritecas Satolep MIX* (Imagem 3), o artista e designer gráfico paulistano Fábio Henrique traz de forma crítica o que considera hipocrisias de Pelotas. Fábio, enquanto pessoa que migra para a cidade a partir do ingresso na universidade, revela seu choque cultural ao se mudar para a cidade e a vivência de situações homofóbicas, que culminam na criação de tirinhas que expõem às opressões sofridas pelos diferentes grupos citados no relato anterior. Sobre seu trabalho ele diz que,

“As ilustrações surgiram após ter que lidar com uma situação bem desconfortável de homofobia na cidade e perceber que não apenas eu, mas as pessoas negras, mulheres e outros grupos também se sentem constantemente desrespeitadas dentro do meio urbano”³².

As tirinhas deste artista apresentam diferentes aspectos sobre a cidade, desde o uso de expressões regionais às situações por ele vivenciadas e observadas. Gostaríamos de destacar outra característica importante de Pelotas, ela é também uma cidade universitária. Por isso, Pelotas reúne pessoas vindas de outras regiões do Brasil, com tantos outros costumes, formas de falar, modos de habitar que entram em choque pelas ruas, bairros, no transporte público, bares, festas e manifestações religiosas. Diferente do abordado na seguinte passagem, que se refere a diversidade da cidade, esta não se dá sem conflitos e dinâmicas de negociação,

“Some-se isso as paisagens pampeanas, de serra, de águas por todos os lados aliadas a uma forte cultura erudita, cuja expressão mais visível está na arquitetura, e a uma cultura popular das mais pujantes, tudo isso temperado com um universo estudantil cheio de sotaques e culturas, e temos o perfil de Pelotas hoje”³³.

³² Trecho da fala de Fábio Henrique (MARGENS: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. *Exposição digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 23 nov. 2022).

³³ MASCARENHAS, Paula. In: REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO. *Territórios daqui: identidades e pertencimento*. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas/Secretaria de Cultura, ago. 2017. grifo nosso.

Imagem 3 - Hipocritecas Satolep MIX, pelo designer Fábio Henrique.



Fonte: Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, 2020 (<https://wp.ufpel.edu.br/margens/category/por-nos/>).

O trecho acima está presente na Revista do Dia do Patrimônio do ano de 2017 e é assinado pela atual Prefeita da cidade. Por meio dos veículos oficiais de divulgação, como o do trecho anterior, é construído um discurso de harmonia étnico-cultural de Pelotas. Entretanto, apontamos, como Meneses³⁴, que essa diversidade cultural é utilizada de forma seletiva e se descola da realidade das práticas sociais, ou seja, tal diversidade é apresentada em textos e folhetos - de pouca divulgação -, mas não é presente na maioria dos materiais que constroem o discurso da cidade, tais como os turísticos como demonstra os estudos de Bergmann³⁵ sobre a cidade de Pelotas.

³⁴ MENESES, Ulpiano Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2012, Brasília, *Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural* - Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Brasília: IPHAN, 2012, p. 25-39. .

³⁵ BERGMANN, Leopoldine Radtke. *Imagens e narrativas de Pelotas: uma análise do discurso turístico de uma cidade (re)imaginada*. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Mas como se apresenta a diversidade na prática? Como nos mostra Fábio Henrique, na prática essa pluralidade de pessoas não se dá de forma tão simétrica. Os xingamentos disfarçados de elogios revelam a xenofobia pautada na construção estética da beleza, como “Tu és muito bonita! Não tens os traços grotescos do Nordeste Tchê!”. Daí em diante, fator constituinte da discriminação no qual enxergamos a segregação e a estigmatização de grupos.

No mesmo sentido, a hegemonia segregadora é denunciada também no módulo Além da Baronesa (Imagem 4). Neste módulo, na sub-aba Elas, foram divulgados trabalhos de artistas produzidos durante o distanciamento social, como possibilidade de dar visibilidade às produções e contribuir no fortalecimento de redes.

Imagem 4 - Módulo “Além da Baronesa” na Exposição Digital “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”.



Fonte: Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, 2020 (<https://wp.ufpel.edu.br/margens/alem-da-baronesa/>).

No período pré-pandemia o machismo estrutural já impunha barreiras para a entrada de obras de mulheres em galerias ou frustrava o reconhecimento de seus trabalhos, na pandemia essa realidade é agravada. Instigaram tais reflexões as produções artísticas de Dhara Carrara, Dhiule Völz, Gabriela Pecantet, Flávia Rieth, Juliana Flor, Lola, Jessica Porciuncula, Inácio Rafaela e Subloop. A seguir trazemos a obra de Dhara Carrara.

Dhara Carrara é artista visual que desenvolve pesquisas e produções de performance, vídeo-performance, fotografia, arte sequencial, arte digital, audiovisual e ensino de artes visuais, de acordo com sua apresentação disponível na exposição. Sua obra intitulada *Cuerpo Decolonial* (Imagem 5) nos apresenta a cidade enquanto um território dos homens, que nas suas mais diversas formas de materialização - como na arquitetura ou nomenclatura das ruas - não reconhece o papel ativo de mulheres na sua construção, tornando-se um lugar de exclusão e perigo para elas. Nas palavras da artista, "a cidade não quer olhar para as mulheres, porque não foi criada para tal."

Imagem 5 - *Cuerpo Decolonial*, pela artista Dhara Carrara, 2020.



Fonte: Exposição Digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, 2020 (<https://wp.ufpel.edu.br/margens/category/elas/>).

As cidades não são planejadas de forma democrática, não são pensadas nas especificidades de determinados grupos, são construídas de asfalto, cimento e ideias que oprimem, estrangulam vivências, que revelam e (re)constróem assimetrias, constituindo um desalinhamento entre a cidade formal e a cidade vivida. As cidades não foram construídas para mulheres em suas pluralidades, considerando suas diferentes classes, raças, sexualidades, idades, dentre tantas outras subjetividades e marcadores identitários.

O planejamento e a função da cidade têm força motriz, sobretudo, nos interesses patriarcais, ou seja, visa atender as necessidades masculinas (do homem branco, de classe média e cisheterossexual), sem se preocupar no lugar em que as identidades

femininas³⁶ foram colocadas pela colonialidade em um lugar subalterno, desprotegido, alvo da exploração e violências cotidianas que implicam em constantes formulações estratégicas de resistência.

A necessidade de estarem sempre alertas nos trajetos pela cidade, por onde caminham, de quais locais devem desviar, por vezes tornando os percursos mais longos, cuidando que horas podem circular, são algumas das situações que atravancam cada decisão, por mais simples que seja na vida. Assim, as vivências, as trajetórias e a qualidade de vida são afetados significativamente, restringindo experiências e limitando a usufruição da cidade de forma plena³⁷.

Em resposta a esses obstáculos que são vivenciados cotidianamente por tantas mulheres, Cuerpo Decolonial aponta para a existência de formas de enfrentamentos como forma de resistência, traz uma frase repetidamente em seu fundo: “todos esses atravancando nosso destino vocês caminharão em vão porque nós somos caminho e vocês não passarão”.

Dhara nos lembra que, para além da normatividade do contexto urbano, as tramas do machismo estrutural alcançam literalmente os corpos, nas suas mobilidades, mas também perante a imposição de sexualidades, papéis sociais, formas de se vestir e modos de falar. Na imagem, a artista coloca o corpo de uma mulher de pé e nú enquadrado da cintura para cima, com seus seios à mostra, com os olhos tapados pelas próprias mãos, o coloca em posição de manifestação. O corpo apresenta-se como instrumento de protesto, em ato de resistência. As palavras “mi territorio” em destaque, trazem a mensagem de que “esse corpo é meu”, “eu decido como me vestir”, “eu decido com quem e como me relacionar”, “eu tenho direito de falar e vou falar”. A arte produzida torna-se mensagem de emancipação aos comportamentos sociais impostos às mulheres.

“Quantas vezes a cidade e seus donos tentaram e tentarão tomar nossos corpos-territórios para si? Numa tentativa de colonizá-los, como se pudessem. Tentam nos calar e nos apagar. Mas aos poucos vão perceber que nós, mulheres, somos as ruas, somos as casas, os prédios, o som, a

³⁶ NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

³⁷ SIQUEIRA, Gabriela Pecantet; ZANINI, Lauren; BIDIGARAY, Luana Costa. O distanciamento social não é novidade para todes: reflexões sobre ser mulher e se relacionar com mulheres em espaços urbanos. In.: VII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DESIGUALDADES, DIREITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS: saúde, corpos e poder na América Latina, 7., São Leopoldo, 2020, *Anais* [...]. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020, p. 3231-3243. Disponível em: <<http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/cienciassociais/viisiddpp/index.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

paisagem, somos corpo, território de si, somos caminho. E todos aqueles que não respeitarem nossa presença e nosso direito, caminharão, em vão, porque lembraremos de todos, e esses não passarão”.³⁸

Dhara corporifica a cidade em si e em tantas mulheres que desafiam a sua normatização ocupando seus espaços nas ruas, nas praças, nos bares, nos seus trabalhos, nas universidades e nos espaços virtuais.

4. Considerações Finais

As narrativas hegemônicas pelotenses produzem conflitos que (re)constroem a cidade e estão presentes nas composições apresentadas de Fábio ou são cenário-agente das divagações de Violet, emaranhando-se e dando tônica a uma cidade plural, negociada e circunscrita nas tessituras da vida cotidiana de tantas formas. Dhara, através de suas expressões artísticas, nos mostra a resistência à colonialidade de gênero, historicamente complexa e que se renova na contemporaneidade desconsiderando outros gêneros além do masculino.

As poéticas artísticas suscitam discussões e reflexões críticas a respeito de diferentes vivências, que cumprem papel descolonizador em um contexto em que perdura um discurso hegemônico. A desobediência epistêmica que transborda nessas artes se insere enquanto, conforme Mignolo, possibilidades de criar formas de pensar com novas bases categóricas e/ou conceituais. São formas de resistência, que se reinventa constantemente, sobretudo perante os atuais desafios impostos pela pandemia da COVID-19, onde artistas em processo de invisibilização criam formas de se fazer presentes, com a formação de redes de apoio e fazendo da arte meio de continuar denunciando violências e silenciamentos.

³⁸ Trecho da fala de Dahra Carrara (MARGENS: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. *Exposição digital Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 23 nov. 2022).

Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v.21, n.3, 2015, p. 483-498.

ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flavia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: SCHIAVON, Carmen; PELEGRINI, Sandra (Org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. 1ª ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, p. 131-147.

ALFONSO, Louise Prado e FERREIRA, Martha Rodrigues. Exposição patrimônios invisibilizados: uma experiência coletiva de extensão em pandemia. In: MICHELON, Francisca Ferreira; BANDEIRA, Ana da Rosa; LIMA, Paula Garcia; ZIMMERMANN, Letícia Silva Dutra (Org.). **Conexões para um tempo suspenso: extensão universitária na pandemia**. 1ª ed. Pelotas: Editora UFPel, 2020, p. 538-562. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6834>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

ALFONSO, Louise Prado; SIQUEIRA, Gabriela Pecantet; FERREIRA, Martha Rodrigues. Pelas margens das Cidades em Transe: entre debates, vivências e saberes. In.: **Anais do Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar**, 2020, Pelotas. Rio Grande: Arche – Revista Discente de Arqueologia. 2021, p. 9-38. <<https://arche.furg.br/anais-de-eventos/19-cidades-em-transe-anais>>. Acesso em: 31 maio 2022.

BERGMANN, Leopoldine Radtke. **Imagens e narrativas de Pelotas: uma análise do discurso turístico de uma cidade (re)imaginada**. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 02 jun. 2022.

COSTA, Vanessa Avila. **As manifestações das paisagens ocultadas: arqueologia da Pelotas de trabalhadoras sexuais**. 162 f. Dissertação, Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Insurgências na construção de contra narrativas por comunidades negras em Pelotas/RS. In: **Anais da REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, 32, 2020. Rio de Janeiro: ABA, 2020. Disponível em: <http://evento.abant.org.br/rba/32RBA/files/441_2020-12-04_3792_23937.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

FERREIRA, Martha Rodrigues; CASTRO, Camila Machado Ramos de; ALFONSO, Louise Prado. Singularidades: o método etnográfico e a construção do conhecimento em coletivo. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 28., 2019, Pelotas, **Anais** [...]. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: <https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/CH_03960.pdf>. Acesso em: 02 jun 2022.

HATTORI, Márcia Lika; ALFONSO, Louise Prado; PEREIRA, Isis Karinae Suarez. Propostas pedagógicas a partir da exposição. Tessituras: **Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 6, 2018, p. 95-100.

MARGENS: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. **Exposição digital Patrimônios Invisibilizados**: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas. 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

MASCARENHAS, Paula. In: REVISTA DIA DO PATRIMÔNIO. **Territórios daqui**: identidades e pertencimento. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas/Secretaria de Cultura, ago. 2017.

MEC - Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu. Brasília: MEC, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2012, Brasília, **Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural - Sistema Nacional de Patrimônio Cultural**: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Brasília: IPHAN, 2012, p. 25-39.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu na cidade x a cidade no museu. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, 1985, p. 197-205.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, [S. l.], n. 34, 2008, p. 287-324.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PINNEY, Christopher. Notas da superfície da imagem: fotografia, pós-colonialismo e modernismo vernacular. GIS - Gesto, Imagem e Som - **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 313-334, 2017.

SIQUEIRA, Gabriela Pecantet; ZANINI, Lauren; BIDIGARAY, Luana Costa. O distanciamento social não é novidade para todes: reflexões sobre ser mulher e se relacionar com mulheres em espaços urbanos. In.: VII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DESIGUALDADES, DIREITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS: saúde, corpos e poder na

América Latina, 7., São Leopoldo, 2020, **Anais** [...]. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020, p. 3231-3243. Disponível em: <<http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/cienciassociais/viisiddpp/index.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SOUZA, Newan Acacio Oliveira de; EUZÉBIO, Felipe Aurélio Euzébio; ALFONSO, Louise Prado. “Isso é truque de drag velha”: etnografia das noites e a arte drag na cidade de Pelotas-RS. Revista Habitus - **Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, v. 18, n. 2, 2020, p. 651-667. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18224/hab.v18i2.8215>> Acesso em: 02 jun. 2022.